



Joy Snell e a Missão dos Anjos



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

Joy Snell e a Missão dos Anjos



John Constable - Flores em um vidro estudo



Conteúdo resumido

A monografia de Ernesto Bozzano narra a história de Joy Snell, a enfermeira clarividente, que teve a oportunidade de presenciar a “Missão dos Anjos” no hospital em que servia.

Sumário

» Homenagem a Ernesto Bozzano (1862 - 1943).....	2
» Ao Leitor	5
» Joy Snell e a Missão dos Anjos	7

Homenagem a Ernesto Bozzano

(1862 - 1943)

Sob o ponto de vista científico, a contribuição de Ernesto Bozzano ao Espiritismo é realmente incalculável, quer em qualidade, quer em riqueza de casos e depoimentos. Influenciado pelo sistema positivista através da linha spenceriana, como ele próprio declara, nunca teve qualquer “indício de misticismo”, mas, pelo contrário, sempre foi um homem voltado para as soluções objetivas, infenso à cogitação, como se dizia muito em sua época.

Vejam os a franqueza com que Bozzano fala de seu passado filosófico:

“Uma vocação predominante me havia conduzido a ocupar-me, exclusiva e apaixonadamente, da escola científica e Herbert Spencer era, naquele tempo, o meu ídolo. Durante dois anos, eu estudara, ininterruptamente, anotara e classificara com imenso amor todo o conteúdo do seu imponente e enciclopédico sistema filosófico para, em seguida, lançar-me de corpo e alma nas lutas do pensamento, empenhando-me em polêmicas com quem ousasse criticar os argumentos e as hipóteses que o meu venerando mestre formulara.”

(A declaração está no I capítulo de uma de suas maiores obras: *Animismo ou Espiritismo?*)

Mais tarde, por estudo e observações diretas, chegou à convicção espírita e definiu sua nova posição em diversos trabalhos. Uma de suas motivações para o estudo da fenomenologia chamada *paranormal* foi a leitura dos *Anais das Ciências Psíquicas*, publicação dirigida por Dariex, mas orientada pelo Professor Charles Richet, autor do *Tratado de Metapsíquica*. Houve ainda outra motivação, aliás bem significativa: o debate de Richet com Rosenbach pela *Revista Filosófica*. Os argumentos que Richet contrapunha ao opositor impressionaram muito o ânimo de Bozzano, justamente pela sua consistência científica, enquanto

as objeções de Rosenbach lhe pareceram logo insustentáveis pela falta de solidez. Daí por diante Bozzano e Richet trocaram correspondência muito franca e afetuosa.

Sabe-se que Richet ficou na “Metapsíquica”, mas deixou testemunho a respeito dos fatos e, por isso mesmo, embora não tenha chegado à Doutrina Espírita, é ainda citado com toda a procedência. Convém lembrar, e bem a propósito, que uma das cartas de Richet a Bozzano, naturalmente depois de muitas observações e reflexões, termina assim: “E agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.” (Sir Oliver Lodge, ao contrário do que geralmente se supõe, já estava convencido da sobrevivência do espírito muito antes do desenlace de seu filho Raymond na I Guerra Mundial, começada em 1914). O livro de Lodge, *Raymond*, é um depoimento valiosíssimo.

Bozzano estudou e pesquisou muito. Leu, com afinco, tudo quanto lhe foi possível sobre ciências psíquicas e, especificamente, sobre o Espiritismo, mas não reduziu o seu campo de trabalho aos estudos de gabinete, pois era um homem afeito à observação e à investigação. Corajoso em suas afirmações, proclamou a validade das teses espíritas sem temer os preconceitos acadêmicos e as ojerizas religiosas. Além de artigos em diversas revistas especializadas, Ernesto Bozzano publicou muitos livros, entre os quais *Xenoglossia*, *Enigmas da Psicometria*, *Pensamento e vontade*, *Fenômenos psíquicos no momento da morte*, *Fenômenos de transporte*, *Metapsíquica humana*, *Literatura de além-túmulo*, *Animismo ou espiritismo?*, *Comunicações mediúnicas entre vivos* (com depoimento de diversos pesquisadores, como Barrett, Lodge, Stead, Geley, em tradução de Francisco Klörs Werneck e apresentação de J. Herculano Pires, EDICEL, São Paulo), *Desdobramento – Fenômenos de bilocação* e muitas monografias: *Breve história dos “raps”*,

Materializações minúsculas, Marcas e impressões de mãos de fogo, etc.

Temos aí apenas algumas referências biográficas, bem pouco, quase nada, sobre um estudioso e pesquisador do alto porte de Ernesto Bozzano, nascido em Gênova (Itália) em 1862 e desencarnado em julho de 1943. Neste pequeno resumo, entretanto, imprimimos todo o vigor espiritual de um preito de homenagem do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

Observações especiais:

A carta de Charles Richet a Ernesto Bozzano está no livro de Sérgio Valle (médico), edição da LAKE, São Paulo. Veja-se o penúltimo capítulo.

Diversos livros de Bozzano foram publicados pela Federação Espírita Brasileira; outros foram publicados pelas editoras ECO (Rio de Janeiro), CALVÁRIO (São Paulo), EDICEL (São Paulo) e LAKE (São Paulo), traduções do Dr. Francisco Klörs Werneck.

(Transcrito do IV vol. dos Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 1979, com autorização do seu digno Diretor, Prof. Deolindo Amorim).

Ao Leitor

Ernesto Bozzano, o grande Mestre da Ciência da Alma, escreveu os trabalhos constantes deste volume nos tempos áureos do Espiritismo científico, isto é, quando se procuravam provas concretas da sobrevivência da alma e da sua comunicação com os vivos da Terra.

Depois veio a II Grande Guerra Mundial, travada principalmente no continente europeu, e, depois dela, o Espiritismo, devido a ditaduras políticas e religiosas, desapareceu quase por completo, sendo mesmo proibido em Portugal e na Espanha. Na Itália, terra de Bozzano, só pôde surgir mais tarde apenas com o nome de Metapsíquica, porque os sucessores dos perseguidores cristãos não permitiam que o Espiritismo fosse pregado à luz do dia e então tivemos, por nossa vez, o Espiritismo das catacumbas européias. Já na Inglaterra, por ser um país protestante e separado do continente, o Espiritismo continuou a ser pregado e praticado, tornando-se, mais tarde, uma das religiões do país graças ao esforço de Lord Dowding, Marechal do Ar e grande herói nacional.

Convém esclarecer o leitor que os anglo-saxões (ingleses, norte-americanos, etc.) não empregam a palavra Espiritismo e sim Espiritualismo, pois o Espiritismo é uma doutrina codificada por Allan Kardec e só mesmo os seus adeptos é que podem ser chamados de espíritas, pois ele não tem santos, nem sacerdotes, nem altares, etc.

Parece-me, pois, que, na verdade, o Espiritismo científico desapareceu, ou quase isto, pois não se fala mais em sessões de efeitos físicos e muita gente só quer aprender Espiritismo em livros mediúnicos – não importando de qual autor e procedência, livros que muitos ainda consideram como ficção mediúnica – esquecida de que um fato é um fato e que contra fatos não há argumentos. Há ainda muita gente, nos tempos de hoje, que quer provas concretas e, como não as encontram aqui, em parte alguma, mesmo em livros nacionais, resolvi continuar a publicação de alguns dos excelentes trabalhos do grande Bozzano, que

provam, na base dos fatos, a sobrevivência da alma e a sua comunicação com os vivos da Terra.

O Tradutor

Joy Snell e a Missão dos Anjos

Há vários foi publicada, na Inglaterra, uma bela obra sobre assuntos espirituais, que já em 1924 havia alcançado a sua quinquagésima edição. Trata-se de *The Ministry of Angels*,¹ cuja autora, a Sra. Joy Snell, expõe, de forma simples, franca e despretensiosa, suas multiformes experiências de clarividência do tipo da vidente de Prevorst. Sua apresentação ao público foi feita pelo Rev. Arthur Chambers, em curto mas precioso prefácio.

Trata-se, de fato, de um livro digno de toda consideração: primeiro, porque contém o relato sincero de experiências subjetivas que realmente ocorreram à pessoa que as expõe; segundo, porque essas experiências, do ponto de vista teórico, são parcialmente interessantes e, de outra parte, algo surpreendentes, de modo a tornar desejável um exame profundo do assunto com o fim de assegurar, nos casos duvidosos, se se trata de episódios de vidência autêntica, de vidência simbólico-verídica, de vidência auto-sugestivo-alucinatória ou, ainda, se se trata, antes, de uma mistura das três formas em questão.

Começarei pelos fatos de vidência bem autêntica para passar, em seguida, à discussão sumária dos casos de vidência teoricamente duvidosos.

Sua autora, a Sra. Joy Snell, órfã de mãe desde a mais tenra idade, cresceu no meio de abundância e se revelou vidente já aos 12 anos de idade. Ela atingira apenas a idade dos 20 anos quando teve a visão premonitória da morte iminente de seu adorado pai, acontecimento que se realizou exatamente como ela o havia visualizado. Com o falecimento do seu genitor, o infortúnio abateu-se sobre a sua pessoa, pois não tardaram a compreender que o defunto confiara os seus interesses a pessoas indignas que o haviam enganado, de modo que a pobre órfã e o seu irmão se acharam subitamente reduzidos à mais completa indigência. O irmão partiu para a África, a fim de ganhar a vida para si próprio e para a sua irmã, porém o navio que o levava naufragou e o moço pereceu com os demais passageiros. Ficando só no mundo, a infeliz Joy foi acolhida por um tio que, não conseguindo tirá-la

da prostração moral em que caíra, com perigo de morte, tentou distraí-la, entregando-a aos cuidados de sua irmã, diretora de um sanatório. Assim fazendo, ela esperava que a pobre sobrinha talvez encontrasse alguma distração na prática do bem a tantas outras infelizes, do que lhe adviria proveito tanto do ponto de vista moral como do físico. Foi isso que efetivamente aconteceu e Joy Snell obteve o seu diploma de enfermeira, consagrando-se, com amor, à sua nova missão de caridade.

Ora, foi exatamente devido à sua profissão de enfermeira que os seus casos de vidência se revestem de grande valor teórico. De fato, não tardou ela a verificar grande número de casos de “desdobramento fluídico”, que se apresentavam à sua visão supranormal, no leito de moribundos, assim como numerosos casos de “aparições de defuntos no leito de morte” ou “aparições de fantasmas”, com caráter premonitório (por vezes de morte e outras vezes de cura), para os enfermos em cuja cabeceira eles se manifestavam.

Os fenômenos de “desdobramento fluídico” no leito de moribundos não eram, todavia, novos para a vidente, que, ainda bem criança, assistira a um deles no leito mortuário de uma sua amiga. Passo a narrar esse caso que apresenta um interesse especial por ter sido o primeiro do gênero que a vidente pôde constatar e que foi precedido pela visão do fantasma da jovem que ia morrer, fantasma que anunciou à sua amiga a iminência do seu falecimento. Escreve a vidente:

“Certa noite, despertei, sobressaltada, de profundo sono, encontrando iluminado o meu quarto, apesar de estarem apagadas todas as luzes. Percebi, ao meu lado, o fantasma de minha cara amiga Maggie, que me disse: “Quero confiar-lhe um segredo. Sei que dentro de alguns dias deverei ir para o mundo espiritual. Desejo que fique junto de mim até o meu último momento e que console minha mãe depois de minha partida.

Antes de estar suficientemente refeita do susto e da surpresa experimentados à vista do fantasma, vi este desaparecer e, pouco a pouco, extinguir-se a claridade.

Uma semana após fui chamada pela família de minha amiga. Encontrei Maggie sofrendo de um resfriado acompanhado de febre, todavia as suas condições gerais não inspiravam preocupações e a própria enferma estava bem longe de experimentar pressentimento de morte. Era evidente que ela não tinha a menor lembrança da visita que me fizera em espírito. É esse um mistério que não consigo explicar-me, tanto mais que, durante a minha vida, tive numerosas experiências de aparições de vivos que me dirigiram a palavra e com as quais por minha vez falei, verificando sempre que elas não guardavam recordação alguma de se terem comunicado comigo...

Encontrava-me, pois, junto de Maggie, há uns três ou quatro dias, quando, certa noite, foi ela assaltada por terrível e súbita crise e faleceu nos meus braços antes que o médico tivesse tempo de acudir ao chamado feito. Foi esse o primeiro caso de morte a que assisti. Logo que o coração de Maggie deixou de bater, vi distintamente algo semelhante ao vapor, que se desprende de uma chaleira em ebulição, elevar-se do seu corpo físico, pairar a alguma distância dele e condensar-se em forma idêntica à de minha amiga. Essa forma, muito vaga a princípio, tomou gradualmente contorno mais definido até tornar-se perfeitamente distinta. Ela estava envolta numa espécie de véu branco, de reflexos aljofrados, sob o qual apareciam claramente as formas. O rosto era o de minha amiga, mas glorificado e sem qualquer traço dos espasmos que o haviam contraído na agonia.

Mais tarde, quando me tornei enfermeira, vocação na qual perseverei por vinte anos, tive oportunidades de assistir a numerosos casos de morte e, logo após o falecimento, constantemente eu observava essa condensação da forma etérica acima do corpo físico, forma sempre idêntica àquela donde se destacava e que, uma vez condensada, desaparecia de minha vista.”

Os dois episódios contidos na experiência que acabamos de relatar são igualmente interessantes e sugestivos. A autenticidade supranormal do fenômeno de auto-premonição de morte ficou

provado pela sua realização em curto prazo, embora continuemos a encontrar-nos diante do mistério de um *Eu* subconsciente que conheceu, antecipadamente, a data do seu falecimento, mesmo quando o mal, que deveria levar o corpo ao túmulo, era de natureza accidental. Mistério grande e perturbador, mas incontestável. Inútil ir mais longe, no momento.

Quanto à autenticidade supranormal do outro incidente, o do “desdobramento fluídico no leito de morte”, está ela demonstrada pela existência de numerosos casos análogos visualizados por sensitivos pertencentes a todos os povos do mundo terreno, inclusive os selvagens, com esta circunstância eloqüente de que os sensitivos, ainda que desconheçam as experiências de outras pessoas e também a existência mesma dos fenômenos, fazem todos a sua descrição com os mesmos detalhes, o que demonstra, incontestavelmente, que eles expõem algo de real e de objetivo. Por outro lado, é conveniente notar que já se conseguiu fotografar o fenômeno em questão.

Outra consideração, teoricamente muito importante, é a de não poderem ser explicados os casos de “desdobramento fluídico no leito de morte” pela “projeção objetiva do pensamento”. Sabe-se que, a propósito da “fotografia transcendental”, em que ficam gravados os fantasmas dos defuntos identificados nas chapas fotográficas, os nossos contraditores fazem observar que, como tudo contribui para provar que um pensamento é uma forma *sui generis* de dinamismo psíquico, suscetível de ser projetado à distância, numa forma objetiva, ainda que invisível, segue-se que as supostas fotografias espíritas nada mais são realmente que “fotografias do pensamento”. Esta objeção parece, até certo ponto, legítima, pois que o fenômeno da “fotografia do pensamento” é um fato real, ainda que obedeça a leis que o circunscrevem em estreitos limites e que, conseqüentemente, seja pouco aplicável às condições em que se produzem as “fotografias espíritas”.

Como quer que seja, não é menos verdade que, na ocorrência dos fenômenos de “desdobramento fluídico no leito de morte”, esta hipótese é insustentável, visto que os moribundos não podem cuidar de concentrar seu pensamento sobre a idéia de sua

forma corporal e, em conseqüência, não podem projetar, à distância, formas de pensamentos dessa natureza, tanto mais que, na maioria dos casos, o fenômeno de desdobramento começa após o *falecimento do enfermo*.

Resulta daí que, não existindo uma hipótese naturalista para explicar os fenômenos de “desdobramento fluídico no leito de morte”, somos necessariamente levados a concluir que eles representam o grande fato da separação do “corpo etérico” (que é o envoltório do espírito) do seu “corpo somático”. E como acontece que, em tais circunstâncias, o “corpo etérico” gradualmente se integra nessa vida e que não menos gradualmente abandona o “corpo somático”, isto equivale chegar à solução experimental, no sentido afirmativo, do grande enigma da existência e sobrevivência da alma.

A este respeito convém recordar a famosa resposta dada pela personalidade mediúmica de “George Pelham” ao Dr. Hodgson por intermédio da Sra. Piper:

“Eu não acreditava na sobrevivência, o que ultrapassava o meu entendimento. Hoje me pergunto como pude duvidar... Nós temos um *fac-símile* de nosso corpo físico, que persiste após a dissolução deste último.”

Eis uma resposta admirável pela simplicidade com a qual ela resolve o grande problema da sobrevivência, ao passo que a afirmativa que ela contém pode ser mesmo demonstrada experimentalmente graças aos fenômenos de “desdobramento fluídico no leito de morte” já estudados. Volto, a propósito, a insistir no fato de que, como não há hipóteses naturalistas a serem opostas às considerações que acabo de expor, estas são de natureza literalmente decisiva. Resulta daí que *quando a autenticidade dos fenômenos em questão estiver definitivamente reconhecida pela ciência oficial (o que forçosamente acontecerá, visto que fatos são fatos), nesse dia a existência e sobrevivência da alma estarão cientificamente demonstradas*.

Em apoio destas conclusões, cumpre-me assinalar o outro fato concomitante dos sensitivos-videntes que muitas vezes observam, simultaneamente, o fenômeno do afastamento do “corpo

etérico” do “corpo somático”, no momento da morte, e o outro fenômeno complementar da interferência de “fantasmas de defuntos” no leito de moribundos, fantasmas esses absolutamente idênticos ao que está se condensando graças aos processos do “desdobramento fluídico”, fato que constitui outra confirmação admirável das conclusões às quais chegamos, visto que permite constatar a identidade perfeita de natureza entre o “corpo etérico” dos defuntos e o “corpo etérico” dos moribundos.

A Sra. Joy Snell narrou diversos casos do gênero, mas como já reproduzi, em outros trabalhos meus, os melhores deles, limito-me a narrar aqui um ainda não referido. Escreve ela:

“Um dos meus amigos teve uma congestão pulmonar e foi internado num hospital em que faleceu pouco depois. Era um excelente homem e muito religioso, de forma que a morte não lhe causava medo. Sua esposa, também muito religiosa, permaneceu constantemente à cabeceira de seu leito, resignadamente esperando o desenlace fatal. Coisa de uma hora antes de falecer, o enfermo se dirigiu à esposa e, com o dedo, apontando para o alto, lhe disse: “Olha, olha. Bennie está lá. Ele me veio buscar. Agora ele me estende as suas mãozinhas e sorri. Você o está vendo?”, ao que ela respondeu: “Não, querido, não o estou vendo, mas sei que ele deve estar lá, pois você o está vendo.”

Bennie era o único filho do casal e falecera pouco antes, aos seis anos de idade. Também eu lhe percebia nitidamente a forma. Era um anjinho encantador, de cabelos anelados, olhos azuis e envolto numa túnica branca. Era uma formosa criança normal, mas glorificada, etérea, radiante, como igual não existe no mundo terreno... Pouco depois o pai foi vencido por um sono calmo, no qual ficou imerso durante uma hora. Durante todo esse tempo, o pequeno anjo permaneceu sempre junto do pai moribundo, com o rosto radiante de alegria pela reunião iminente. De vez em quando ele lançava afetuoso olhar para a sua mãe, que nada via. A respiração do moribundo não tardou a tornar-se penosa, fraca, e finalmente se extinguiu. Nesse instante percebi o fenômeno habitual que tão familiar me era: o da formação do “cor-

po etérico” acima do “corpo físico” inanimado. Quando a forma se tornou completa e animada, o anjinho tomou a mão do pai, que, por sua vez, se transformou também em anjo e vi os dois se mirarem amorosamente e um sorrir para o outro com a expressão do mais puro afeto e da mais viva felicidade. Em seguida, elevaram-se e desapareceram aos meus olhos. Eis, verdadeiramente, um glorioso espetáculo. Graças a ele, a morte, que é por todos encarada com pavor e como o mais terrível dos mistérios, se apresenta, ao contrário, bela e benfazeja, como a maior reveladora do Amor Infinito que o Pai Eterno mostra às suas criaturas.

Depois de ter deixado o hospital, em que servia como enfermeira, para me consagrar à assistência de doentes particulares, nunca vi morrer um só de meus enfermos sem que percebesse, à cabeceira de seu leito, uma ou mais formas angélicas a acorrerem para receber o espírito a fim de conduzi-lo à nova morada nas Esferas...”

Como já narrei nos casos análogos aos que acabo de citar, assistimos ao fato, teoricamente muito importante, das duas formas complementares de um mesmo fenômeno transcendental, que se combinam no mesmo caso. Isto significa que assistimos à exteriorização do fluido vital com a formação do “corpo etérico” no momento da morte e, ao mesmo tempo, a presença de espíritos na cabeceira dos que estão morrendo, com o propósito evidente de assisti-los no seu ingresso nas Esferas espirituais.

Realmente não conheço melhores provas que se possam oferecer para demonstrar a existência e a sobrevivência do espírito humano. Aqueles que leram as minhas monografias sobre as *Aparições de defuntos no leito de morte* e sobre os *Fenômenos de bilocação* sabem que as duas formas de manifestações em questão se realizam com relativa freqüência e que a sua natureza intrínseca já foi rigorosamente examinada, de maneira que se pode considerar a sua existência objetiva como experimentalmente demonstrada. Lógico é que isto deveria bastar para cientificamente legitimar a hipótese espírita, mas não devemos esperar que tal aconteça, porque as experiências dos séculos mostram

quão tenazes são as idéias preconcebidas contra as quais só uma coisa é realmente eficaz: a obra do tempo!

Vou agora examinar as outras diversas formas de vidência que apresentava a mesma *sensitiva*. Tratarei, primeiramente, de uma espécie de visões simbólico-premonitórias em relação com enfermos que se achavam em estado grave. Quando a *sensitiva* se aproximava da cabeceira deles, ela percebia, junto de sua cama, uma “forma angélica” (nome que a Sra. Snell dava a essas aparições) que parecia velada, vestida de preto, quando o doente devia morrer, e sorridente, vestida de branco, o braço levantado e o dedo indicador apontando para o alto, quando o enfermo devia restabelecer-se. Essas visões simbólicas, cujo prognóstico era infalível, apresentavam uma utilidade prática, pois a vidente não tardou a adquirir grande reputação de habilidade profissional junto às outras enfermeiras e médicos que freqüentemente a consultavam sobre o assunto.

No momento, não é possível fazer-se um juízo justo a respeito da natureza intrínseca dessas aparições. Se a *sensitiva* não tivesse tido outras visões espirituais além das simbólicas, então a “hipótese mais cômoda”, capaz de explicá-las, seria a de supor a existência, na *sensitiva*, de faculdades precognitivas subconscientes, cujas revelações seriam transmitidas à sua consciência normal por meio de projeções de imagens alucinatórias de natureza simbólica. Vimos, porém, que a *sensitiva* era favorecida com outras visões autenticamente extrínsecas, que consistiam em “aparições de defuntos no leito de morte” e fenômenos de “desdobramento fluídico”, visões às quais não se pode aplicar a interpretação em apreço. Seria mais racional, pois, supor que as formas espirituais, de natureza simbólica, seriam, por sua vez, de natureza extrínseca. De qualquer modo, não é possível um pronunciamento a esse respeito, tendo cada qual a liberdade de inclinar-se para uma ou outra dessas interpretações, segundo as suas convicções pessoais de ordem geral.

Outra forma curiosa de aparições, com a qual se havia familiarizado a *sensitiva*, consistia na visualização de um fantasma feminino que ela via percorrer as filas das camas do hospital, aproximar-se dos enfermos que se contorciam em grandes sofri-

mentos e pousar a mão sobre as suas frentes. Esta ação não curava os enfermos, mas aliviava ou suprimia os seus sofrimentos e produzia o sono que dele necessitavam. Escreve a Sra. Snell:

“Minha gratidão para com esse anjo era sempre grande, mas eu, acima de tudo, o abençoava nas noites em que me achava de plantão e sozinha nos quartos do hospital. Eu o via passar, como a flutuar, de um enfermo a outro, e impor as mãos sobre a fronte dos sofredores, fato este que me confortava, porque eu sabia, por experiência, que os doentes, favorecidos por essa visita, breve se achavam livres de todos os sofrimentos, mesmo ignorando a causa que determinava o seu bem-estar inesperado. Muitos pacientes me diziam, quando acordavam: “Como me sinto bem esta manhã! Passei por um sono prolongado.” Muitas vezes vi esse anjo impor as mãos sobre a testa de enfermos que, ao experimentarem vivas dores, gemiam e gritavam lastimosamente. Logo desapareciam todos os sofrimentos e eles caíam num sono profundo e calmo, do qual despertavam cheios de novo vigor. Às vezes, quando o anjo visitava um doente, eu, por minha vez, me acercava e verificava que as suas pulsações se haviam tornado regulares e que a temperatura voltava logo à normalidade.”

Que dedução teórica podemos tirar deste relato? Sem dúvida a de que se o anjo, quando impunha as suas mãos sobre a fronte dos enfermos, determinava a cessação imediata dos seus sofrimentos, mergulhando-os em profundo sono, regularizava as pulsações cardíacas ou reduzia quase ao normal uma temperatura febril, sem dúvida alguma, se isso se produzia, logicamente devemos concluir que esse anjo não podia consistir numa projeção alucinatória, mas, ao contrário, devia ser uma entidade positivamente extrínseca ou espiritual.

Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provações. Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum

valor teórico, levando-se, porém, em consideração a descrição das Esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as Esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução espiritualizada do meio e da existência na Terra, o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, as condições de existência nessas Esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras, visto ser o meio em questão determinado pela “projeção do pensamento” de entidades superiores para esse fim designadas, enquanto que certa parte dependeria da “projeção do pensamento” dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma “ideoplastia” espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a forma de “fotografia do pensamento” e do “pensamento organizador”, no início dos fenômenos de materialização.

Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante: é que, se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes que passaram por experiências desta natureza, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas, afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas. Para citar somente os exemplos mais notáveis,² recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada *Spiritualism* e constituída quase inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor, recordarei as visões do Rev. William Stainton Moses e da Sra. Elisabeth d’Espérance, os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Rev. George Vale Owen.

Ora, se considerarmos que as idéias dos povos civilizados sobre o Paraíso e o Inferno, idéias enraizadas desde a infância nas mentes de diferentes pessoas, são diametralmente opostas à semelhante concepção da existência espiritual, se tudo isto for

considerado, logicamente se é levado a reconhecer que a explicação alucinatória para esses casos é insustentável ante o exame dos fatos, visto que esta interpretação absolutamente não explica como tantos *sensitivos* tenham sido auto-sugestionados em sentido diametralmente contrário às suas convicções tradicionais a esse respeito. Igualmente não se chegaria a explicar o fato de todos os *sensitivos* descreverem o mesmo ambiente espiritual, mesmo em seus mais bizarros e inesperados detalhes, quando a maior parte deles (e este é o caso da Sra. Joy Snell) ignoravam completamente as experiências de outros videntes sobre o mesmo assunto, isto é, ignoravam o que alguns haviam visto no ambiente espiritual.

Resulta daí que, se os casos em questão continuam a ser um enigma insolúvel para todas as outras teorias, na verdade os partidários da hipótese alucinatória se encontram numa posição ainda mais embaraçosa e não os defensores da hipótese espírita. Com efeito, a circunstância de não se poder recorrer à hipótese da sugestão para explicar a uniformidade de tão grande número de “revelações” faz pender o prato da balança a favor da autenticidade transcendental dos casos em exame, o que não exclui, entretanto, a possibilidade de, por vezes, se introduzirem neles elementos simbólicos, oníricos e auto-sugestivos.

Como quer que seja, dada a natureza aparentemente incontrollável de tais casos e, portanto, a impossibilidade de submetê-los aos métodos da investigação científica, só nos resta adotar um sistema de controle indireto, isto é, analisar e comparar entre si as tão numerosas revelações dessa espécie. Ao mesmo tempo, preciso é considerar as explicações que a esse respeito fornecem as personalidades mediúnicas, explicações que, se não apresentam valor científico, nem por isto deixam de ser muito lógicas para parecerem plausíveis perante o controle da razão, o que já é muito, visto que assim se obtém o importante resultado de despojar as revelações de todas as aparências absurdas, ao mesmo tempo que essas explicações se transformam numa base de orientação para a posterior investigação de provas indiretas a favor de sua autenticidade transcendental. Creio, pois, seja útil relatar alguns esclarecimentos, relativamente recentes, sobre o

assunto, esclarecimentos esses obtidos mediunicamente. Eles têm o mérito de não terem sido dados a pedido e sim fornecidos espontaneamente, pouco antes, por espíritos desencarnados.

As comunicações que se seguem apareceram na revista espírita inglesa *Light*, de 3 de maio de 1924, foram obtidas com médiuns não profissionais e as personalidades comunicantes foram um jovem soldado e dois oficiais ingleses, mortos em combate, na frente francesa. Os extratos que vamos reproduzir são devidos a um jovem soldado voluntário que tombou, na citada frente, no primeiro ano da guerra. As sessões nas quais ele se comunicava foram realizadas durante os meses de maio e junho de 1918, quando a guerra ainda continuava. O comunicante havia fornecido excelentes provas de identidade pessoal e afirmava estar investido, naquele momento, da missão de assistir os soldados que tombavam nos campos de batalha. Pediram-lhe informações a respeito dos mortos na guerra e eis o que ele respondeu:

“Eles chegam ao mundo espiritual com os sentimentos que experimentavam no momento da morte. Alguns há que ainda acreditam que estão combatendo e então precisamos acalmá-los. Outros já pensam que enlouqueceram devido ao ambiente que subitamente se transformou ao seu redor. Isto não deve surpreender-nos, porque bem podeis imaginar o terrível estado de tensão de espírito, bem próximo da loucura, que produzem as batalhas. Outros há que supõem estar gravemente feridos, sem que o tivessem percebido, e é o que efetivamente lhes aconteceu, com a diferença que se julgam transportados para um hospital de campanha e pedem esclarecimentos sobre o seu estado. Em primeiro lugar, procuramos distraí-los, gracejando, e só lhes fazemos compreender pouco a pouco a verdadeira significação desse hospital em que se encontram. Alguns acolhem a notícia de sua morte com verdadeira alegria e são estes os que, na horrorosa vida das trincheiras, ultrapassaram os limites que uma fibra humana poderia suportar. Já o mesmo não sucede com outros que deixaram no mundo terreno entes queridos, casos em que os levamos gradualmente ao conhecimento do seu estado real, empregando muito tato e delicadeza. Outros

se acham tão fatigados, tão exaustos de uma luta horrível, que não lhes resta energia suficiente para algo deplorar e não tardam a entrar no “sono reparador”.

Enfim, alguns previram o fim iminente ao perceberem o obus que descia do alto e esperam o desfecho pela sua explosão inevitável. Entre estes, muitos há que caem no “sono” logo após o seu trespasse e isto porque a sua concepção de morte era o aniquilamento total, de modo que o período do “sono” combina com a sua convicção a respeito. Eles não necessitam de explicação ou auxílio até o fim de seu período de repouso, que, por vezes, se prolonga durante muito tempo nos casos em que as suas convicções relativamente à existência da alma estavam profundamente enraizadas...

As coisas mudam quando então eles despertam. É um estado difícil de explicar, mas farei o melhor para expor, tanto quanto me for possível, por este imperfeito meio de comunicação, quais foram as minhas impressões ao despertar. Eu tinha pleno conhecimento de estar vivo, isto é, que em mim já não havia a incerteza pela qual se tem a ilusão de ainda fazer parte deste mundo e de sonhar. Compreendeis o que quero dizer?

– Sim, perfeitamente.

– Depois de despertar, pelo contrário, sabe-se, compreende-se. Já não se tem mais a impressão de sonhar. Os espíritos muito atrasados, que continuam apegados à Terra, não têm o benefício do “sono reparador”; continuam na ilusão de se serem vivos e estarem sujeitos a sonhos fantásticos. Lembrai-vos, pois, de que os espíritos ligados à Terra, isto é, principalmente os espíritos orgulhosos, são os que permanentemente vivem em tal ilusão.

O primeiro sentimento que experimentamos com a plena consciência do que já somos e do lugar em que nos encontramos, isto é, que já somos espíritos que sobreviveram à morte do corpo e que nos achamos em outro plano de existência, é quando nos assalta enorme curiosidade aliada a um

vivo desejo de explorar o nosso novo meio de existência, de conhecer mais ainda. Logo verificamos que existem “coisas” ao nosso redor e esta é a primeira observação que nos enche de surpresa, tanto mais que essas “coisas” parecem ter a mesma natureza das que havíamos conhecido na Terra, ainda que apresentem certa diferença, que escapa, porém, à nossa compreensão. Elas são reais, bem reais, bem o vemos, e, contudo, temos a intuição de que elas são temporárias e que não pertencem ao estado espiritual que se segue ao despertar. Em seguida, não tardamos a descobrir, e isto parece muito curioso e interessante, que somos capazes de transformar certas “coisas” que nos cercam, desejando simplesmente que se transformem, todavia só o podemos fazer com objetos de pouca importância. Assim, por exemplo, se eu perceber aos meus pés uma agulha de pinheiro e me ponha a pensar que ela se transforme numa agulha de aço, eu a vejo transformar-se numa agulha de costurar, que posso pegar e examinar. Não podemos, porém, transformar objetos volumosos e menos ainda o ambiente em que vivemos e isto assim é por não ser a paisagem em que vivemos unicamente um ornato em que *nós* evoluímos, mas o ambiente onde evoluem *todos* os espíritos. Não podemos também transformar as pequenas “coisas” quando essa ação pode desgostar ou prejudicar alguém. Depois de repetidas experiências desta sorte, começamos a conhecer a verdade, isto é, que o meio em que vivemos, na realidade, não é constituído senão de “formas de pensamentos” e de “formas de memórias” e que tudo foi disposto de modo a tornar menos penoso, para os espíritos que acabam de chegar, o período de transição da existência terrestre para a existência espiritual propriamente dita. E a este respeito aprendemos muitas coisas, procurando o que podemos transformar por um ato de vontade e tudo o que permanece inalterado, apesar dos esforços dos nossos pensamentos...”

A passagem que acabamos de reproduzir é um dos exemplos das interessantes revelações mediúnicas publicadas pela revista inglesa *Light*, das quais sobressaem outras informações a respei-

to das “condições de perturbação” determinadas, no meio espiritual, pelos excessos de vícios em que muito freqüentemente caem os humanos, assim como sobre a constituição do “corpo etérico” em suas relações com o “meio etérico” que o cerca. Não podendo, porém, reproduzir tudo, limito-me ao trecho citado, pedindo a atenção dos leitores para o fato de que, se as revelações acima podem parecer a algumas pessoas fantásticas e inesperadas, impossível é, todavia, contestar-lhes uma razão de ser psicologicamente racional e justificável. Efetivamente, nada mais logicamente admissível se supor que entre a existência de espírito encarnado e de espírito desencarnado possa existir um período de existência preparatória e transitória, de modo a conciliar a natureza muito terrestre do espírito desencarnado com a natureza muito transcendental da existência espiritual propriamente dita. Acrescentarei mesmo que a coisa parece tão racional, tão indispensável, que, se as personalidades espirituais não nos viessem revelá-las, deveríamos supô-las *a priori*, em nome do princípio da continuidade da lei da evolução. E, como as personalidades em questão não se limitam a afirmar a realidade do fato, mas ainda explicam que isso se realiza graças ao poder criador do pensamento, que, para nós, também constitui uma realidade demonstrada experimentalmente pela “fotografia do pensamento” e pelos fenômenos de “ideoplastia” nas experiências de materialização, parece-me que esta confirmação deve ser acolhida como uma probabilidade muito admissível, apesar de inesperada, da existência espiritual-transitória. Com efeito, se quisermos ser lógicos, seremos levados a reconhecer que, se o poder criador do pensamento já opera, em nosso mundo, *mas unicamente de modo esporádico e sem propósito*, necessário se torna daí inferir que esta faculdade está destinada a exercer-se *normalmente, praticamente e utilmente* em outra fase da existência, outra que não pode ser senão a existência espiritual. Ora, as revelações citadas nada mais fazem do que confirmar a verdade desta inferência axiomática. Repito, pois, que não se pode contestar, nas revelações que acabamos de citar, uma razão de ser psicologicamente racional, verossímil, coincidindo com os dados da experiência e isto me basta por agora.

Voltemos à Sra. Joy Snell e às suas experiências de vidência. Eu disse que a citação supra tornaria menos inverossímeis as visualizações análogas por ela observadas e me felicito por tê-lo demonstrado. Nestas condições, dever-se-ia ao menos tirar um ensinamento útil das considerações que acabamos de expor, isto é, mesmo quando nos encontramos em face de visualizações transcendentais controláveis, é necessário mostrar muita prudência antes de atribuí-las, irrevogavelmente, a causas alucinatórias oriundas de fontes auto-sugestivas.

Com referência às outras visualizações da Sra. Snell, relativas ao fenômeno de “desdobramento fluídico no leito de morte” e de “aparições de defuntos no leito de morte”, basta apenas aditar que essas manifestações parecem incontestavelmente reais, objetivas, extrínsecas, e que basta, para prová-lo, recordar os processos da análise comparada às quais já foram submetidas outras experiências semelhantes, processos que provam que as manifestações em apreço têm sido observadas em todos os tempos e entre todos os povos, inclusive tribos selvagens, circunstância esta última importantíssima, pois os selvagens não poderiam auto-sugestionar-se pela leitura de obras de povos brancos. Elas foram observadas, coletivamente, por numerosas pessoas e, por vezes, sucessivamente, por pessoas que ignoravam completamente as visões de outras, o que basta para excluir qualquer forma de alucinação devida à sugestão ou à auto-sugestão. Enfim, mesmo a hipótese auto-sugestiva, aplicada ao moribundo, não poderia sustentar-se ante o fato de que, nas duas categorias de fenômenos, já se registraram numerosos episódios em que as manifestações se produzem quando o paciente já expirou, sendo os casos que aqui reproduzimos dessa natureza.

Fim

Notas:

- ¹ Foi também publicada, em 1935, em Genebra, Suíça, sob o título de *La Mission des Anges sur le Plan Terrestre et dans l’Au-delà* (A Missão dos Anjos no Plano Terrestre e no Além). Anjos, como sabemos, são espíritos de grande elevação espiritual e que se mostram, geralmente, de túnica branca. (N. T.)
- ² Quando Bozzano desencarnou, em 1945, durante a II Grande Guerra Mundial, ele não conhecia as obras psicografadas, sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra. (N. T.)